

## ARGUMENTAÇÃO TEOLÓGICA: CRISTO SALVADOR (THEOLOGICAL ARGUMENTATION: CHRIST SAVIOR)

**Antonio Wardison C. Silva**

Licenciado em Filosofia, especialista em Filosofia Existencial e em Psicopedagogia, bacharelado em Teologia e pós-graduando em Catequese.

### RESUMO

O texto pretende discutir a concepção teológica sobre Cristo salvador, a partir de um método argumentativo e sistemático. Nesta perspectiva, o texto parte do dado bíblico a fim de explicitar os principais ditos que evidenciam o ato salvador de Cristo. Depois, desenvolve uma leitura teológica sobre esses ditos, no interior da teologia e da exegese cristã. Prossegue num exercício de encontrar a estrutura racional dos argumentos discutidos, na tentativa de dar unidade e solidificação aos argumentos expostos. E finaliza com o percurso da Igreja ao anunciar e legitimar suas interpretações sobre a verdade da salvação em Cristo. Em suma, tal reflexão é um exercício teológico que procura analisar e discutir as várias compreensões e significados acerca da realidade salvadora de Cristo e, mais ainda, apontar para algumas interpretações mais fundamentais sobre o seu mistério de salvação.

Palavras-chave: Salvação. Entrega. Desígnio. Vida. Amor.

### ABSTRACT

The text discusses the theological concept of Christ the Savior, from an argumentative and systematic method. In this perspective, as part of the biblical text in order to clarify the principal said that evidence the saving act of Christ. Later, he develops a theological reading about these sayings, within the Christian theology and exegesis. Proceeds in an exercise to find the rational structure of the arguments discussed in an attempt to bring unity to the arguments and solidification. And he ends with the route of the Church to announce and legitimize their interpretations of the truth of salvation in Christ. In short, this is an exercise in theological reflection that seeks to analyze and discuss the various meanings and understandings about the reality of Christ's saving and, moreover, point to some interpretations about its most fundamental mystery of salvation.

Keywords: Salvation. Delivery. Design. Life. Love.

### Introdução

“Jesus ressuscitado sob o poder do Espírito é revelado em comunhão de vida com Deus”.<sup>1</sup> Tal proposição vem afirmar que o discurso sobre a divindade de Cristo está fundado na sua ressurreição, evento salvador da humanidade na história. Ora, ao se proclamar a ressurreição no dia de Pentecostes, se faz, não somente, crer Nele, mas sustentar uma realidade de esperança: a salvação. Por isso, na condição de salvador, Cristo é constituído por Deus como Senhor. Portanto, o anúncio da ressurreição constitui, fundamentalmente, a realidade salvadora de Cristo.

Ao analisar os nomes dados a Jesus em referência à sua missão: “Príncipe da Vida”, “Chefe e Salvador”, “Juiz dos vivos e dos mortos” etc., se constatará que esses nomes apresentam Jesus como mediador e unido ao Pai e, dessa forma, o “Filho de Deus”. No entanto, observa-se que esses títulos não expressam a significação plena alcançada nos primeiros anúncios, pois não proclamam formalmente a paixão e morte de Cristo.

Aqui se constata um problema: por um lado, tais expressões se limitam a significar a realização, próxima, das promessas reservadas ao povo de Israel. E Jesus aparece como um

mero profeta da história do povo; por outro, a ressurreição é compreendida como um benefício, em que Jesus é beneficiado, gratificado, e que tem a remissão dos pecados como sua consequência. Nesta perspectiva, a divindade de Cristo cumpre uma significação funcional, em detrimento da existência terrestre da humanidade, comportada por lutas e sacrifícios.

Por isso vê-se a necessidade de discutir este problema no seu mais alto grau teológico, a fim de compreender o que realmente significa o evento salvador de Cristo, a partir do relatado nas Escrituras e da interpretação da comunidade de fé ao longo da história. Nesse sentido, o presente texto procura desenvolver sua reflexão pelo método teológico sistemático, como via segura de argumentação e explicitação do verdadeiro significado da temática aqui proposta. Por isso, o texto irá obedecer, fundamentalmente, à seguinte estrutura argumentativa: o dado das escrituras, a leitura teológica, a estrutura racional e a inserção no conjunto da Igreja.

### 1. O dado, segundo as escrituras

Toda a vida, os ditos, os gestos, e as pregações de Jesus manifestam o imponente dom de Deus para toda a humanidade: o dom da salvação.<sup>2</sup> Pois “o Novo Testamento conhece um único salvador histórico, Jesus de Nazaré, não tanto por causa da significação literal de seu nome (*Yehoshoua* ou *Ieshouua*, ‘*Javé salva*’), mas porque todo o processo de salvação está ligado a ele como a seu protagonista indiscutível:<sup>3</sup> “Não há nenhuma salvação a não ser nele [...] nenhum outro nome [...] que seja necessário à nossa salvação” (At 4,12). O dito “morto por nossos pecados segundo as Escrituras” assume uma compreensão no sentido que Cristo haveria de morrer, “segundo as Escrituras”, para a expiação dos “nossos pecados”. Aqui não se trata de argumentar ou expor a qualificação da morte de Cristo, mas o seu anúncio. E, dessa forma, atestá-la pelas Escrituras, interpretadas na sua globalidade, segundo os apóstolos (At 3,18).<sup>4</sup> Nesta perspectiva, a paixão e morte de Jesus Cristo são atestadas no texto de Isaías sobre o “servo de Javé” (Is 52,13-53,12). Em Isaías o “justo sofre por todos” (53,11ss). Para Paulo: “E ele morreu por todos” (2Cor 5,15).<sup>5</sup> Isto quer dizer: fundamentalmente, a morte de Cristo foi um ato de amor pessoal, seja de sua própria parte, ou da parte de Deus<sup>6</sup> (Gl 2,20; Ef 5,2; Jo 13,1; Rm 8,31).

No diálogo de Cristo com os discípulos de Emaús (Lc 24,25-27.44-46) nota-se o questionamento sobre o sofrimento de Cristo para entrar na glória do Pai, segundo as Escrituras. Também Mateus (26,54.56) narra o episódio de questionamento sobre as Escrituras, assim como João (20,9). Estes textos procuram expressar um desígnio oculto do salvador, decifrado numa atitude de fé. Não é possível, nestes textos, afirmar que Cristo devia morrer pelos pecados da humanidade, ao contrário, o texto expressa o sofrimento que Cristo iria suportar. Em outros lugares também se identifica a rejeição pelas autoridades de Israel (Mc 8,31; Mt 16,21; Lc 9,22), as humilhações por causa deles (Mc 10,34-35; Lc 19,32) e a sensação do abandono de Deus, que o entrega aos seus inimigos (Mc 9,31; Lc 9,44).

Muitas vezes, pensa-se que a entrega de Cristo por nós (Rm, 8,32) significa uma morte já determinada, premeditada, que não poderia ser de outra forma. No entanto, ela é gratuita: “Jesus descobre na Escritura um desígnio histórico de rejeição, de sofrimento e morte; um destino que ele lê como um desígnio de Deus [...] não pelo caminho dos sucessos históricos. Mas passando por uma morte violenta, é que Cristo ‘entrará na glória’.”<sup>7</sup>

Nas parábolas dos vinhateiros (Mt 21,33ss) Jesus indica seu próprio destino e faz notar a rejeição que iria sofrer pelos seus adversários. Em Isaías (5,1-7), na imagem da vinha, percebe-se uma simbologia de toda história do povo de Deus, numa série de revoltas e homicídios. Assim como os profetas, Jesus olha para a história como sempre a começar por um povo ingrato. E pela escritura ele comprova tal realidade: “A pedra que os pedreiros rejeitaram tornou-se a pedra angular...” (Mt 21,42 citando Sl 118,22-23).

Tal narrativa vem a dizer que Cristo tinha confiança no êxito do plano de Deus e que, na sua pessoa, a vitória seria alcançada, já que ele era realmente o Filho de Deus. Isto vem a dizer: a salvação do mundo vem pela morte, pelo sofrimento daqueles enviados. Esta lei é tão percebida por Cristo que ele mesmo a transmite para os seus discípulos, ao falar que não se deve esperar melhor tratamento do que o seu mestre (Mt 10,17-25); anuncia também, aos seus adversários, a perseguição que irão impor a ele (Mt 23,33-35; 23,29-32; Lc 11,47-51; 13,34; Jo, 8,44; At 7,51-52).

Todos esses textos ilustram uma lei na história e revelam o destino comum dos enviados de Deus: de serem perseguidos e torturados por causa do Reino. Isto quer dizer, os desejos de Deus perturbam aqueles que não estão de acordo com sua lei. Por isso, a missão do profeta é anunciar o Pai e denunciar as injustiças e as incredulidades do povo e, por isso, está entregue aos mais temíveis sofrimentos. Nesta perspectiva pode-se afirmar que a missão, confiada por Deus aos seus enviados, conduz à morte como desígnio. Esta realidade explica a tensão criada entre Jesus e os seus adversários.

No entanto, em Cristo, não se trata de um simples desígnio da história, mas de um desígnio salvador, ao saber que ele tomava consciência da sua missão e que sua morte se transformaria em vitória definitiva, assim como Paulo afirma: “o que é fraqueza no mundo, Deus o escolheu para confundir o que é forte” (1Cor 1,27). O fato é que os homens gostariam de por o poder de Deus a favor deles; e na culpa, temiam a vingança de Deus. Por isso concordam com a conclusão da parábola: que a vinha será tirada dos vinhateiros homicidas e entregue a outros (Mt 21,41.43). Porém, não entendem que a “vingança de Deus é o perdão e o amor (Jo, 19,37 citado por Zc 12,16; At 2,38-39; 3,17-20; Gl 3,13-14).<sup>8</sup>

Pois o crime praticado contra Jesus atinge o Pai em si mesmo, e a vingança de Deus será, pela morte, a vingança definitiva de todas as injustiças cometidas contra Ele: o amor absoluto e o perdão definitivo. Assim Paulo entende a história da salvação em Cristo: Deus entregou seu filho, por seu próprio sangue, para manifestar a sua justiça, a fim de justificar todo aquele que professasse a fé no Cristo (Rm 3,25-26).<sup>9</sup> Essa é a mais alta sabedoria do desígnio de Jesus e de sua morte salvadora. Pois “o dom do amor de Jesus é tão pleno que ele quer realmente associar-nos à sua obra redentora, quer salvar-nos como um amigo salva o outro”.<sup>10</sup>

Ora, para Paulo “a salvação é auto-comunicação de Deus Pai, através de Cristo no Espírito Santo”.<sup>11</sup> Neste sentido, Paulo oferece a realidade salvadora de Cristo numa concepção trinitária: o Pai é o ponto de partida transcendente do evento salvador de Cristo; o Filho é o primeiro dom da salvação; o Espírito é o dom da salvação que já se realizou (1Cor 2; 15,28; 2Cor 5,15.18; Gl 4,4ss. Rm 1,3ss; 8,17; 5,1-11; 8,9-11; Ef 1,4ss; Fl 3,21; Cl 3,4)

## 2. A leitura teológica

A partir dos elementos apresentados, à luz da Palavra, cabe agora interpretá-los, em um discurso teológico, na tentativa de entender o evento salvador de Cristo. Primeiro: a sentença de Paulo “Morto pelos nossos pecados”. Este texto faz entender que realmente Cristo morreu pelos nossos pecados, por desígnio de Deus, em plena aceitação do projeto do Pai e consciente de todo sacrifício. Assim também outros textos do Novo Testamento sublinham esta mesma leitura.<sup>12</sup> Portanto, Cristo, ao abater o pecado, realiza “a nossa salvação: foi o que se cumpriu no momento de sua morte na cruz (Jo 12,31).<sup>13</sup>

Porém, é possível atribuir que o próprio Jesus tenha dado este sentido à sua morte? Em primeiro lugar, tal significado é oriundo da doutrina apostólica, a partir das Escrituras (1Cor 15,3), mas tal enunciado não define a natureza dessa salvação. O sentido sacrificial dado refere-se às expressões rituais do Antigo Testamento.

Nesse sentido, a tradição, ao apresentar Jesus como “Messias sofredor”, resgata e apresenta Cristo como “Filho do Homem”. Assim, Jesus, diante de Deus, representa todo sofrimento humano e de todos aqueles enviados. Nele o sofrimento recebe sentido pleno e, por isso, salvador. Esta foi a interpretação que se encontra na releitura da história feita depois de Jesus e de seus anúncios. Pois os autores do novo testamento se inspiraram na figura do Cristo Servo, como se observa ao falar do “sangue precioso” (1Pd 1,18-19; 2,21-24), do “Cordeiro de Deus” (Jo 1,29), do “Cordeiro Imolado” (Ap 5,8-13).

O problema basilar está no questionamento sobre o sentido que o próprio Cristo deu à sua morte. Para Bultmann não se pode saber se Cristo encontrou sentido para a sua morte. No entanto, esta reflexão, ainda que contestável, não pode ser desconsiderada! Pois o grande erro, sobre a morte de Jesus, é não perguntar que sentido esta morte tem na perspectiva em que se coloca Jesus. Porém, uma possível resposta ao ceticismo de Bultmann esteja na tentativa não de procurar sentido, por parte de Cristo, mas o sentido do fato, segundo atesta as Escrituras, já que Cristo havia ensinado aos apóstolos que ele deveria morrer e ressuscitar!

Evidentemente, este ensinamento de Cristo está associado à interpretação que ele fez da sua história, segundo as Escrituras. A execução de João Batista talvez possa ser o momento fundamental que Cristo tenha tido maior clareza sobre a sua sorte. Pois Cristo ligava-se à tradição dos profetas, pelo nome de Elias, perseguidos e executados. Assim também ele, o Cristo, irá sofrer pelas mãos dos justiceiros (Mt 17,11-12). Isto quer dizer: Cristo desenvolvia a consciência do seu desígnio pelas Escrituras e pela sua própria experiência existencial.

Portanto, nesta primeira análise, se conclui que a salvação alcançada por Cristo não se deve, somente, à expiação por todos, mas por ser, a sua ressurreição, a salvação definitiva e universal, porque ela é que fará para todos os justos a abertura do Reino dos céus, isto quer dizer: “Não a anuncia como um *acontecimento* histórico encadeado ou da sua morte e unicamente dependente dela, mas como o *sentido futuro* o qual leva diante dela toda a história que o precede, e que faz dela a história da salvação sempre rejeitada [...]”.<sup>14</sup> Neste sentido, Jesus se apresenta como “Filho do Homem”, mas sem se apropriar totalmente deste dito, pois o emprega na terceira pessoa e no futuro, para que os discípulos o reconhecessem como aquele que devia vir. Mais do que pagar os pecados, “a salvação consiste em estarmos unidos a Cristo, Vitoriosa Cabeça de uma nova humanidade”.<sup>15</sup> portanto Cristo salvou o homem para ele gozar da vida eterna, quer dizer, está unido a Ele, que é Senhor da vida sobre a morte.

Segundo: aqui, no contexto do evento salvador de Cristo, se pretende entender o significado da sentença “Dar sua vida em resgate”.<sup>16</sup> Os textos de Mateus (20,18-19; 25-28) e Marcos (10,33-34; 42-45) apresentam que o “Filho do Homem” vai ser entregue, condenado, crucificado e ressuscitado. O sentido sacrificial, nesses textos, está associado à palavra *resgate*, quer dizer: a lei fere o pecado com a pena de morte; e Jesus irá oferecer sua vida para pagar esta dívida e libertar o homem da situação de escravidão do pecado e da morte.<sup>17</sup> Este sentido é reforçado na narrativa da Ceia, ao falar que o seu sangue será derramado por muitos, em vista dos pecados (Mt 26,28). A expressão “por muitos” indica que todos têm a necessidade de ser libertados.

Ainda, nos textos indicados acima, Jesus proclama que o verdadeiro sentido de grandeza é tornar-se servidor. Ora, o discípulo é aquele que se faz servo de todos. A verdadeira maneira de servi-lo é libertá-lo, isto é, pagar um resgate para que ele possa ser eximido. Esta é a missão de Cristo: ele não procura honra, nem poder, como pensavam seus discípulos. Ele sabia do sofrimento que iria enfrentar, mas foi por este meio que ele desempenhou sua missão salvadora. Por isso, não salva a humanidade pelo caminho da expiação, mas pela humilhação.<sup>18</sup>

Assim, quando Jesus fala no serviço, toma presente a humilhação, e ao se colocar na condição mais baixa, se entrega em resgate pela humanidade, a fim de que ela entre na glória do Pai. No ato simbólico do lava-pés, Jesus anuncia o sentido da sua vida e da sua morte. Sua ação salvadora pode ser mais bem entendida pelo termo da *proexistência* de Schürmann: Cristo, repleto do Espírito de Deus, no amor, não vive mais para si, mas para os outros.<sup>19</sup> No texto de Filipenses (2,6-11) “...humilhou-se ainda mais, obediente até a morte e morte de cruz” se expressa o valor do evento salvador de Cristo porque é sinal e efeito de um despojamento total, de humilhação. E Deus o reconhece como “redentor de Israel”, presente nas Escrituras, e o concede a salvação, “reconhece-o Senhor, isto é, Salvador como ele e com ele”. Esse reconhecimento simbólico de Jesus, na humilhação, dá o verdadeiro valor da sua ação salvadora. Pois “o mistério da cruz, manifestação do amor, que se realiza na natureza humana de Cristo, implica um dom real de Jesus aos homens”.<sup>20</sup>

Terceiro: também, no conjunto do discurso sobre o evento salvador de Cristo, se pretende discutir o dito “remissão pelos pecados”. Os evangelhos sinóticos, ao apresentar a Ceia, atribuem o significado de uma refeição da aliança, do sacrifício da comunhão, mas não da expiação. Dessa forma, pode-se entender como “sacrifício pelo pecado” (Mateus) e “em favor de muitos” (Marcos). No entanto, não se pode dar o mesmo significado às narrativas de Paulo e Lucas, pois elas dão o que ao máximo se pode considerar, o significado de “sacrifício da comunhão”. O fato é que todas essas narrativas são, apenas, interpretações. E pouco diz o que Jesus pensava sobre sua morte. De outra forma, é possível identificar os gestos de Jesus, referente à sua morte, num sentido de sacrifício.<sup>21</sup>

No gesto de dar de comer e de beber (Mt 26,29; Mc 14,25; Lc 22,14-18), Jesus se lança para o futuro, numa certeza de encontrar-se em Deus e de conferir aos outros a vitória com ele (1Cor 11,26). Tais são os sentimentos que se podem atribuir a Jesus (os mais prováveis), que se traduz: a consciência da missão não estava na expiação, mas na vontade de se oferecer, como servo e como aquele enviado de Deus. Por isso, as palavras da Ceia mostram que Jesus estava mais atento aos frutos que ele esperava da morte.

Ao comparar as quatro narrativas, percebe-se uma significação entre *isto por vós* (Lucas e Paulo) e *isto por muitos* (Mateus e Marcos). A primeira atribui à morte de Jesus o sentido de “sacrifício de comunhão” (eletivo). Aqui a celebração eucarística é chamada de “Ceia do Senhor”; a segunda, de um “sacrifício de expiação” (pela purificação da massa), onde se prevalece “em remissão dos pecados” (Mateus).

No entanto, nenhuma das interpretações pode ser atribuída, fundamentalmente, ao pensamento de Jesus. O que de fato se pode conferir a ele, a partir da Ceia, é um duplo significado: despedida dos seus familiares e entrega ao Pai. A primeira está relacionada à fração do pão, gesto familiar (efetivo, com os seus); a segunda, exprime-se no simbolismo do sangue derramado, de comunicação (intencional, com os outros). Tudo isso representa toda a entrega de Cristo, até o extremo, em favor de seu próximo e de sua missão. Pois “o conceito de salvação, que se encontra por trás destas palavras pressupõe, em qualquer caso, a *plena entrega* de Jesus à morte”.<sup>22</sup>

Ainda mais, toda a vida de Jesus esteve mantida por uma constante doação aos mais necessitados, uma *existência para os outros*. Esta entrega se perdura até a morte. Aqui se alude uma cristologia “que integra a doação incondicionada de Jesus aos pobres e pecadores à sua entrega na ceia eucarística e na paixão até a morte de cruz. Com isso, se concilia melhor sua mensagem do Reino com o sentido salvífico de sua morte”.<sup>23</sup> Além disso, merece ainda sublinhar que a morte de Jesus “não é vista apenas como evento de salvação, mas ainda como experiência concreta vivida por Jesus e tendo valor exemplar para a experiência dos cristãos”,<sup>24</sup> assim como relata o Novo Testamento: “pois que também Cristo sofreu por vós, deixando-vos um exemplo, a fim de que sigais os seus passos” (1Pd 2,21).

Portanto, tal simbolismo representa o gesto de Cristo em se oferecer aos outros, com a participação do Espírito de Deus. Neste sentido é possível ver o ato salvador de Cristo como “sacrifício”: de entrega total pelos outros e por Deus, diferente dos rituais de sacrifícios, como se observava no Antigo Testamento.

### 3. A estrutura racional

O que se pode notar, a partir de todas essas apreciações acerca do evento salvador de Cristo, é que ele anuncia uma nova mudança no regime da salvação (outro princípio de salvação): a fé substitui as instituições religiosas, tão creditadas no seu tempo como portadoras de salvação. Ainda que se deva notar que a fé admirada por Jesus nem sempre está dirigida a ele na qualidade de Filho de Deus, mas como taumaturgo, é correto afirmar que ela legitima Cristo como aquele enviado de Deus, para os que sofrem. E porque foi enviado pelo Pai, aos que sofrem, Cristo recebeu o Espírito, de amor, para nutrir-se de autoridade e poder (de cura). Neste sentido, ele deixava transparecer que a caridade gerava salvação.

Esta novidade é confirmada na parábola do juízo final: “... Cada vez que o fizestes a um desses irmãos mais pequeninos, a mim o fizestes...” (Mt 25,31-46). Isto vem dizer que a caridade está no princípio da salvação. “Ela não salva não porque substitui a fé, mas porque marca à semelhança do Salvador; ela é o sinal e o cunho do Espírito de amor que Jesus tinha recebido do Pai para ser o Salvador de todos”.<sup>25</sup>

O ato de caridade feito ao próximo representa a igualdade deste como o primeiro mandamento. Assim, a fé de Jesus substitui a religião (judaísmo), na tentativa de tornar-se servo, no gesto de caridade. “A caridade tem alguma coisa de semelhante á fé: ela atinge o outro na alteridade que o torna participante do absoluto de Deus...”<sup>26</sup> Jesus como mediador se identifica com todos os que sofrem. Como salvador, ele se designa salvador eterno, com o desígnio de tomar o lugar daqueles que precisam ser salvos: da miséria, da injúria, do desprezo à dignidade e de toda barreira que impede a vida.

O evento salvador não se consolida no fato de identificação, reconhecimento, com um Salvador, mas na doação aos que sofrem. Pois ao enviar o Filho, Deus o salva da morte; na história esta salvação ocorre em todos os acontecimentos em que os homens procuram socorrer uns aos outros. Também essa novidade está no fato de Jesus ter tomado o lugar da lei: ele próprio assume o lugar de Deus.

Ao contrário das religiões que se anunciavam portadora do vínculo entre Deus e os homens (pelo vínculo da servidão), Ele mesmo torna-se o mediador, definitivo, a fim de libertar o homem da sua condição. Somente na concepção de Cristo mediador se pode dar o fundamento de toda salvação: “o mediador da redenção é idêntico ao mediador da criação, isto é, possui desde o início a igualdade funcional com Deus e tem a primazia sobre tudo o que é criado”.<sup>27</sup> Por isso, não se trata mais de expiar, mas de amar o próximo (Mt 11,28,30). Pela lei se oferecia sacrifícios; com Jesus, o perdão.<sup>28</sup> O acesso a ele se dá pela entrega aos mais necessitados.

Portanto, e ainda mais, a salvação não alcança o seu mérito<sup>29</sup> no fato somente de abertura ao Reino, que se dá pela ressurreição, mas no ato de Deus entregar seu filho na Cruz pelo sofrimento da humanidade, a fim de libertá-la de todo tipo de escravidão. “Essa vitória que Jesus consegue por sua morte, sobre a morte universal, ele a obtém também, por si mesmo, sobre a própria morte”.<sup>30</sup> A morte que o aflige e destrói, perde nele sua força, pois não a encarou passivamente, mas numa luta constante contra a morte, digno de vitória. Nesta perspectiva, a força que procura vencer a morte, assim como se entregou na condição plena de liberdade, já marca o poder da ressurreição, isto é, a liberdade com a qual ele se entregou a morte já o projetava para a vida, através da morte. Assim, “a ressurreição está presente na paixão como poder de dar a vida [...] e a paixão está reciprocamente presente na ressurreição como vida dada e partilhada”.<sup>31</sup>

Isto quer dizer, Cristo, em sua obra de salvação, não somente manifestou o amor e a bondade de Deus a todas as pessoas, condição tal que a fez revelar o Pai e, nele, ser o próprio Deus. Ele não somente atendeu o desígnio dado pelo Pai, mas Cristo cabe uma participação ativa, consciente, de acolhimento em todo projeto do Pai. Foi por amor e liberdade que Cristo se entregou (Gl 2,20), se ofereceu como sacrifício (Ef 5,2). Portanto “a economia salvífica do Pai na entrega de Jesus Cristo por nossos pecados implica uma cooperação ativa do Filho, e esta última não exclui a iniciativa do Pai”.<sup>32</sup>

## **5. Conclusão: a inserção no conjunto da Igreja**

Na pregação dos apóstolos e nas narrativas evangélicas, o anúncio da ressurreição de Cristo acarreta a lembrança de sua paixão, quer dizer, de um evento indissociável que revela o

evento salvador de Cristo e que se prescreve como fundamento da espiritualidade cristã. Pois os primeiros cristãos preocuparam-se em anunciar a historicidade de Cristo, na tentativa de pregar a “mensagem de salvação”.

Pois nem mesmo a ressurreição poderia ocultar a experiência dolorosa e humilhante de Cristo rumo ao seu ato salvador, assim como Paulo afirma: “Ele que não poupou o seu próprio Filho, mas o entregou por todos nós (Rm, 8 32). Ora, no evento Pentecoste Pedro fala do desígnio de Cristo (At 2,23), o que revela uma morte prevista e anunciada pelos profetas e, portanto, permitida por Deus, assim como Paulo, em Tessalônica, anuncia que Cristo deveria sofrer e ressuscitar dos mortos (At, 17,2-3). Por sua vez, na experiência das primeiras comunidades, “foi em seguimento do sucedido na páscoa que se confessou Jesus como Cristo, Senhor, Salvador, Filho de Deus: ‘Deus constituiu Senhor e Cristo, a esse Jesus que vós crucificastes’ (At 2,36)”.<sup>33</sup>

Nos símbolos da Igreja conservou-se a realidade da ação econômico-salvífica de Deus, consolidado pela afirmação da Ação do Pai, no Filho, pelo Espírito, que resulta no evento salvador de Cristo, fundamentalmente expresso no Novo Testamento. Trata-se da morte e ressurreição de Cristo ou da sua entrega ao Pai. Nesta perspectiva, o evento salvador de Cristo foi mais acentuado nos hinos (litúrgicos) do que nas fórmulas de fé (Fl 2,6-8; Cl 2,9-15; Ef 2,4-7; 1,3-14; 2Tm 1,9ss; 2,11-13).

Por sua vez, “o Espírito e a Igreja podem ser considerados, embora de maneira totalmente diversa, como fruto da salvação e como mediadores dela”. O Espírito Santo é compreendido como a auto-comunicação de Deus e a Igreja como sacramento da comunicação de Deus: *ela é o instrumento da Redenção de todos os homens, o sacramento universal da salvação...*<sup>34</sup> Dessa forma, todos os atributos conferidos pelo evento salvador de Cristo estão em plena relação com o Espírito e a Igreja.<sup>35</sup>

Com ênfase na ação salvadora de Cristo, numa realidade soteriológica, os símbolos foram primeiro mencionados em Eusébio de Cesaréia cujo registro se notifica nos símbolos do batismo, no século III. Depois o símbolo foi modificado pelo Concílio de Nicéia (325), que viera a se tornar um elemento importante do credo eclesial: *o qual, por causa de nossa salvação desceu, se encarnou e se fez homem, e padeceu, e ressuscitou ao terceiro dia, e subiu aos céus, havendo de vir e julgar os vivos e os mortos.*<sup>36</sup>

Na Patrística, encontra-se uma ampla reflexão sobre o efeito da ação salvadora de Cristo, particularmente a partir do século II. Marca este período, os confrontos entre a gnose e Marciano cujo pensamento rompe com a tradição oriunda do Antigo e do Novo Testamento acerca da salvação: a unidade do Cristo e do homem, fundamentalmente a redenção é entendida num sentido físico-dualista, quer dizer, como contrário ao corpo e à matéria. Ao contrário, os Padres insistem na redenção como a libertação do pecado e de todas as suas conseqüências. Nesta perspectiva, o cristianismo enraíza tal pregação na realização do mistério pascal, do batismo e da eucaristia. Os temas soteriológicos da teologia patrística são: Cristo, iluminador e luz dos homens; Cristo vencedor, a redenção como conquista; e Cristo, mediador da imortalidade e da divinização. E seus principais problemas estão expressos na reflexão sobre: a redenção do indivíduo e da comunidade.<sup>37</sup>

Na patrística, assim como na escolástica e neo-escolástica, irão se fortalecer as “teologias da redação”, com o objetivo particular de esclarecer o ato da realização salvífica.



Particularmente, na Patrística, a teologia irá partir da do efeito redentor, ponto final, para sublinhar a natureza do mediador Cristo Jesus. Somente com Santo Agostinho, encontrar-se-á uma teoria da graça independente, ao tratar sobre o problema da justificação. Essa abordagem se deve ao isolamento quanto à Trindade e à economia salvadora que, em tempos mais recentes, exigiu grande esforço da teologia a fim de superar essa situação.

Em suma, verifica-se que o retorno à paixão está no primeiro anúncio dos apóstolos. Somente ao voltar para esta realidade, a da ressurreição, se pode ter solidez no argumento sobre o evento salvador de Cristo. Neste sentido a salvação, se olhada, na perspectiva da ressurreição, adquire a fisionomia de um dom escatológico feito a Cristo, que o recebe, numa atitude passiva. No entanto, se olhada na perspectiva da paixão, Jesus surge como sujeito livre e ativo do seu ato salvador. E a cruz assume o significado da vitória sobre a morte.

#### **Bibliografia:**

- Catecismo da Igreja Católica*. São Paulo: Loyola, 2000.
- CHARPENTIER, E. *Libertação dos homens e salvação em Jesus Cristo: um estudo bíblico*. São Paulo: Paulinas, 1981.
- DENZINGER, Heinrich. *Compêndio dos símbolos, definições e declarações de fé e moral*. Trad. José Marino e Johan Konings. São Paulo: Paulinas, Loyola, 2007, n. 125.
- FEINER, Johannes e LÖHRER Magnus. *Misterium Salutis – Compêndio de Dogmática Histórico-Salvífica – O Evento Cristo*. Trad. Dom Mateus Rocha. Petrópolis: Vozes, 1974, III/7.
- GONZÁLEZ, Justo L. e PÉREZ, Zaida Maldonado. *Introdução à teologia Cristã*. Trad. Silvana Perrella Brito. Santo André-SP: Academia Cristã Ltda., 2006.
- GOURGUES, Michel. *Jesus diante de sua paixão e morte*. São Paulo: Paulinas, 1984.
- KESSLER, Hans. *Cristologia*. In SCHNEIDER, Theodor (Org.). *Manual de dogmática*. 2. Ed. Petrópolis: Vozes, 2002, vol. 1, p. 363.
- LACOSTE, Jean-Yves (Org.). *Dicionário crítico de teologia*. Trad. Paulo Meneses. São Paulo: Paulinas: Loyola, 2004.
- MIRANDA, Mario de França. *A salvação de Jesus Cristo – a doutrina da graça*. São Paulo: Loyola, 2004.
- MOINGT, Joseph. *O homem que vinha de Deus*. Trad. Nadyr de Salles Penteadó. São Paulo: Loyola, 2008.
- PHILIPPE, M. D. *O mistério de Cristo crucificado e glorificado*. Trad. Costa Aguiar. São Paulo: Paulinas, 1970.

---

#### **Antonio Wardison C. Silva**

Licenciado em Filosofia, especialista em Filosofia Existencial e em Psicopedagogia, bacharelado em Teologia e pós-graduando em Catequese pelo Centro Universitário Salesiano de São Paulo – UNISAL, bolsista de IC pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo – FAPESP. Brasil.

---

#### **Nota**

<sup>1</sup> MOINGT, Joseph. *O homem que vinha de Deus*. Trad. Nadyr de Salles Penteadó. São Paulo: Loyola, 2008, p. 339.

<sup>2</sup> FEINER, Johannes e LÖHRER Magnus. *Misterium Salutis – Compêndio de Dogmática Histórico-Salvífica – O Evento Cristo*. Trad. Dom Mateus Rocha. Petrópolis: Vozes, 1974, III/7, p. 16.

<sup>3</sup> LACOSTE, Jean-Yves (Org.). *Dicionário crítico de teologia*. Trad. Paulo Meneses. São Paulo: Paulinas: Loyola, 2004, p. 1594.

<sup>4</sup> MOINGT, Joseph. *O homem que vinha de Deus*, p. 348.

<sup>5</sup> MIRANDA, Mario de França. *A salvação de Jesus Cristo – a doutrina da graça*. São Paulo: Loyola, 2004, p. 77.

<sup>6</sup> LACOSTE, Jean-Yves (Org.). *Dicionário crítico de teologia*, p. 1594.

<sup>7</sup> MOINGT, Joseph. *O homem que vinha de Deus*, p. 349.

<sup>8</sup> Ibid., p. 353. Ainda, a salvação em Cristo é aludida em Mateus, ao falar: dos pobres e pequeninos (5,3ss; 10,42; 18,6.10); do mandamento do amor (22 36-40, assim também em Marcos 12,2834; Lc 10,25-28). Em Lucas, o mistério da salvação se exprime na forma como o Espírito é concedido: Lc 1,17; 4,16-30; 24-29; At 1-2). FEINER, Johannes e LÖHRER Magnus. *Misterium Salutis*, III/7, p. 16.

<sup>9</sup> Nesta perspectiva, “a justificação é a ação divina que restaura nossa relação com o Deus de toda justiça. Sem sermos justos, não podemos enfrentar o Deus justo”. GONZÁLEZ, Justo L. e PÉREZ, Zaida Maldonado. *Introdução à teologia Cristã*. Trad. Silvana Perrella Brito. Santo André-SP: Academia Cristã Ltda., 2006, p. 147. Desde o séc. XVI, a reflexão teológica sobre a justificação ficou dividida: para o catolicismo, uma pessoa alcançava a justiça pelas obras de justiça, como meio para alcançar a justiça de Deus; para o protestantismo, a justiça humana era concedida pela misericórdia infinita de Deus através da fé do crente.

<sup>10</sup> PHILIPPE, M. D. *O mistério de Cristo crucificado e glorificado*. Trad. Costa Aguiar. São Paulo: Paulinas, 1970, p. 73.

<sup>11</sup> FEINER, Johannes e LÖHRER Magnus. *Misterium Salutis*, III/7, p. 23.

<sup>12</sup> MOINGT, Joseph. *O homem que vinha de Deus*, p. 354-355.

<sup>13</sup> CHARPENTIER, E. *Libertação dos homens e salvação em Jesus Cristo: um estudo bíblico*. São Paulo: Paulinas, 1981, p. 54.

<sup>14</sup> MOINGT, Joseph. *O homem que vinha de Deus*, p. 360.

<sup>15</sup> GONZÁLEZ, Justo L. e PÉREZ, Zaida Maldonado. *Introdução à teologia Cristã*, p. 143.

<sup>16</sup> MOINGT, Joseph. *O homem que vinha de Deus*, p. 364.

<sup>17</sup> “A redenção realizada por Cristo liberta o homem da lei do mal: por meio de Cristo, Deus ‘nos arrancou do poder das trevas e nos transportou para o Reino do seu Filho amado’” (Cl 1,13). Também, este sentido pode ser conferido em Jo 3,19; 12,35-46; Lc 22,53. CHARPENTIER, E. *Libertação dos homens e salvação em Jesus Cristo*, p. 54.

<sup>18</sup> MOINGT, Joseph. *O homem que vinha de Deus*, p. 366-367.

<sup>19</sup> KESSLER, Hans. *Cristologia*. In SCHNEIDER, Theodor (Org.). *Manual de dogmática*. 2ª Ed. Petrópolis: Vozes, 2002, vol. 1, p. 363.

<sup>20</sup> PHILIPPE, M. D. *O mistério de Cristo crucificado e glorificado*, p. 72.

<sup>21</sup> MOINGT, Joseph. *O homem que vinha de Deus*, p. 376-378.

<sup>22</sup> FEINER, Johannes e LÖHRER Magnus. *Misterium Salutis*, III/7, p. 17.

<sup>23</sup> MIRANDA, Mario de França. *A salvação de Jesus Cristo – a doutrina da graça*, p. 76.

<sup>24</sup> GOURGUES, Michel. *Jesus diante de sua paixão e morte*. São Paulo: Paulinas, 1984, p. 13.

<sup>25</sup> MOINGT, Joseph. *O homem que vinha de Deus*, p. 418.

<sup>26</sup> Ibid., p. 418.

<sup>27</sup> KESSLER, Hans. *Cristologia*. In SCHNEIDER, Theodor (Org.). *Manual de dogmática*, p. 285. “É ‘o amor até o fim’ que confere o valor da redenção e de reparação, de expiação e de satisfação ao sacrifício de Cristo. Ele nos conheceu a todos e amou na oferta de sua vida”. *Catecismo da Igreja Católica*. São Paulo: Loyola, 2000, n. 616.

<sup>28</sup> “O perdão introduz, pois, um deslocamento de perspectiva, deslocamento esse garantido pela ressurreição: a lógica do mal não é definitiva. Eis uma primeira forma de salvação trazida por Jesus Cristo...” CHARPENTIER, E. *Libertação dos homens e salvação em Jesus Cristo*, p. 24.

<sup>29</sup> Satisfação, redenção e mérito são considerados formas de expressão (metáforas) da realidade do amor verificado no ato humano de Jesus (mérito) que serve como que de instrumento para a efetivação de nossa redenção. AQUINO, Tomás de. *Suma teológica*. São Paulo, Loyola, 2003, III – q. 48. Verificar: CATAO, Bernardo. *Salut et redemption chez S. Thomas d'Aquin: l'acte sauveur du Christ*. Paris: AUBIER, 1965.

<sup>30</sup> MOINGT, Joseph. *O homem que vinha de Deus*, p. 468.

<sup>31</sup> Ibid., p. 469.

<sup>32</sup> MIRANDA, Mario de França. *A salvação de Jesus Cristo – a doutrina da graça*, p. 78.

<sup>33</sup> GOURGUES, Michel. *Jesus diante de sua paixão e morte*. São Paulo: paulinas, 1984, p. 9.

<sup>34</sup> *Catecismo da Igreja Católica*, n. 776.

<sup>35</sup> FEINER, Johannes e LÖHRER Magnus. *Misterium Salutis*, III/7, p. 52.

<sup>36</sup> DENZINGER, Heinrich. *Compêndio dos símbolos, definições e declarações de fé e moral*. Trad. José Marino e Johan Konings. São Paulo: Paulinas, Loyola, 2007, n. 125.

<sup>37</sup> FEINER, Johannes e LÖHRER Magnus. *Misterium Salutis*, III/7, p. 53.